

**EU SOU O PÃO DA VIDA¹:
ADONIAS FILHO E O PÃO MILAGROSO***Douglas Santana Ariston SACRAMENTO[√]**RESUMO**

Adonias Filho (1915–1990), escritor baiano e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), possui diversos poemas, romances e ensaios entre as suas produções. **O Largo da Palma** (2012) é um livro que reúne seis novelas que têm como cenário o largo de mesmo nome, situado na cidade de Salvador. “A moça dos pãezinhos de queijo” é a narrativa analisada neste artigo e que conta a relação amorosa entre Célia, a filha de uma produtora de pães de queijo, e Gustavo, um rapaz que escuta, mas não consegue falar. Num ato de desespero, compreendendo que a situação do amado pode ser revertida, Célia decide fazer pães de queijo sob preces para Nossa Senhora da Palma, pedindo a cura de Gustavo. Assim, ao comer os pães, o milagre é alcançado e o rapaz consegue falar. Deste modo, será realizada uma análise voltada para o conceito de cura religiosa presente na novela, compreendendo a ação realizada como milagre e sua relação com a Bíblia.

Palavras-chave: Literatura Baiana. Literatura Brasileira. Literatura e Religião. Religiosidade.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, aconteceram diversos momentos literários importantes e inspiradores para uma leva de escritores que estavam em produção no período. As temáticas e especificidades da fase regionalista modernista estavam em alta, divergindo da geração moderna que desfrutava o seu ápice com a Semana de Arte Moderna, em 1922.

¹ João 6:35.

* Artigo recebido em 26/04/2024 e aprovado em 01/07/2024.

[√] Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA). Bolsista CAPES. E-mail: <douglas.ariston.18@gmail.com>

Júlio Lafetá (2004), ao retratar as especificidades estéticas e ideológicas do modernismo, com o intuito de comparar a geração de 1920 com a de 1930, compreende que o primeiro traço, vinculado à estética, seria proveniente da ruptura com a linguagem e o modo de fazer arte do século XIX, enquanto o segundo traço, este de cunho ideológico, estaria relacionado a uma força motriz de expansão da arte nacional. Logo, o Brasil e suas nuances seriam fonte e inspiração para a produção de arte neste primeiro momento do século XX.

Contudo, Lafetá (2004) não deixa de explicar o contexto socioeconômico da primeira geração, proveniente da classe burguesa vinda do campo e que dialogava com a indústria, visto que muitos desses sujeitos migraram por conta da ascensão da modernização na capital paulistana.

[...] Esse dado é decisivo já que a literatura moderna está em relação com a sociedade industrial tanto na temática quanto nos procedimentos. [...] É de notar, entretanto, que no Brasil a arte moderna não nasce com o patrocínio dos capitães-de-indústria; é a parte mais refinada da burguesia rural, os detentores das grandes fortunas de café, que acolhem, estimulam e protegem os escritores e artistas da nova corrente (LAFETÁ, 2004, p. 59).

Assim, ao fazer a distinção de análise do modernismo entre suas características estéticas e ideológicas, intrinsecamente, Lafetá (2004) faz uma distinção entre determinados momentos do modernismo brasileiro: a geração de 1920, com o projeto estético, pensando a ruptura com o tradicional e recebendo verbas da classe à qual esses artistas pertenciam; e a geração de 1930, com o projeto ideológico, no qual o modernismo adentra no Brasil pela região Sudeste.

Essas mudanças de projeto estariam vinculadas, para Lafetá (2004), ao contexto político do período de 1930 no Brasil, visto que existia no país um crescimento da esquerda política e da luta de classes – o que ampliava a necessidade de compreender outras narrativas existentes, estas com estratificações sociais e econômicas demarcadas:

[...] No Brasil é a fase do crescimento do Partido Comunista, de organização da Aliança Nacional Libertadora, da Ação Integralista, de Getúlio e seu populismo trabalhista. A consciência da luta de classes, embora de forma confusa, penetra todos os lugares – na literatura inclusive, e com uma profundidade que vai causar transformações importantes (LAFETÁ, 2004, p. 63).

Ao explicar a diferença entre esses dois momentos do modernismo brasileiro, o autor traz uma separação, pois a temática e a mola propulsora do fazer literário são distintas, havendo uma “diluição estética” (LAFETÁ, 2004, p. 68) da geração de 1920. Assim, em termos de espacialidade, a segunda fase modernista estaria localizada, majoritariamente, fora do eixo sudestino. Nesse período, havia uma leva de escritores nordestinos que falavam sobre os problemas e as particularidades de ser desta região brasileira, o que resultava numa “conscientização política” (LAFETÁ, 2004, p. 69) dos seus autores e das suas produções artísticas.

Contudo, ao retratar a segunda geração moderna, é conveniente compreender como ocorreu esse projeto ideológico. A intelectual Juciara Barbosa (2009) aponta que as ideias do modernismo chegam de forma tardia na Bahia, havendo um descompasso em relação à região sudestina. Trazendo o escritor baiano Jorge Amado como ponto de discussão, Barbosa (2009) relata que a Semana de 22 só teve efeitos na Bahia cinco anos após o ocorrido, e o marco dessa chegada tardia é a produção de Dorival Caymmi.

Outro ponto que Juciara Barbosa (2009) declara como motivador deste atraso estaria relacionado com a questão política. Durante as décadas de 1930 e 1940, a Bahia foi governada por partidos políticos que não dialogavam com o partido do presidente – cargo ocupado, no período, por Getúlio Vargas. O cenário só passou a mudar com a eleição de Otávio Mangabeira, que governou entre 1947-1951.

O modernismo e a modernização custaram a chegar em Salvador, na Bahia, o que resulta no contraste encontrado nas ruas da capital baiana, havendo uma presença marcante e fortemente marcada pela arquitetura do período colonial:

Assim, Salvador prevalecia com sua população predominantemente negra e pobre a circular pelas ruas, a carregar na cabeça mercadorias, a vender em tabuleiros quitutes diversos, a preservar e mesclar aspectos culturais em uma cidade cuja estrutura urbana manteve-se emoldurada por casarios coloniais e onde boa parte da economia cruzava rotineiramente os cantos e recantos da bela, paradisíaca e tropical Baía de Todos os Santos circulando por saveiros a deslizar em ritmo lento, sereno, pacato e poético (BARBOSA, 2009, p. 7).

Então, é neste contexto – cuja repercussão e os ecos da Semana de 22 chegam na cidade de Salvador apenas cinco anos após o evento e com as

políticas públicas para a cultura abarcando o modernismo depois da década de 1940 (quando o governador Otávio Mangabeira estava no poder) – que os ecos da segunda geração moderna e seu projeto ideológico ganham poder na capital baiana. Na produção literária, além de Jorge Amado, destaca-se também o escritor Adonias Filho.

Adonias Filho (1915-1990) nasceu em Itajuípe, na região cacauzeira do Sul da Bahia. Publicou ensaios, romances, contos e novelas, sendo consagrado com o título de imortal da Academia Brasileira de Letras, em 1965, e vencedor do Prêmio Jabuti, na categoria romance, em 1975. Os temas abordados por Adonias Filho em seus romances têm relação com a comunidade cacauzeira (onde nasceu e cresceu) e dialoga bastante com a religiosidade baiana. Entre seus livros, destaca-se **O Largo da Palma** (2012), obra publicada pela primeira vez em 1981 e que traz em seu bojo características da geração de 1930 do modernismo brasileiro, colocando o povo nordestino sob o holofote e retratando as especificidades culturais, sociais e econômicas.

O Largo da Palma (2012) é composto por seis novelas, as quais têm em comum a presença do Largo da Palma, praça que dá nome ao livro e que realmente existe, estando situada no bairro de Nazaré, no centro da cidade de Salvador, na Bahia. Nesta praça também se encontra a Igreja de Nossa Senhora da Palma – e todas as personagens da narrativa que por ali passam retomam a sua fé na santa.

Neste artigo, analisarei **A moça dos pãezinhos de queijo**, novela que retrata a história de amor entre Célia e Gustavo. A protagonista é uma menina jovem que trabalha com a mãe vendendo pães de queijo no Largo da Palma. Certo dia, Gustavo ouve uma voz angelical e, sendo guiado pelo timbre da voz de Célia, entra na loja – ele se apaixona à primeira vista pela moça. Uma questão a ser observada nesta narrativa é que Gustavo não fala, ele apenas se comunica por meio de bilhetes – escrevendo em um pedaço de papel e esperando a outra pessoa responder. O motivo da impossibilidade de fala do rapaz não é explicitado, mas acredita-se que seja por conta de um trauma proveniente da primeira infância.

A relação do casal é vista com olhos suspeitos por ambas as famílias. A família de Célia acha o relacionamento inapropriado por causa da especificidade do rapaz, já a família de Gustavo desconfia das verdadeiras intenções de Célia,

por ele ser rico e ela pobre. Porém, essa desconfiança não é aprofundada, pois o amor entre o casal vai muito além dos olhares preconceituosos que recebem.

A relação entre Célia e Gustavo tem o seu ápice no dia em que os dois se encontram e ela pede para que o amado tente oralizar, o que não acontece de forma bem-sucedida, mas, a partir daquele dia, Célia pede para que Gustavo pare de se comunicar por meio do papel e tente fazer mímicas. Entre conversas e encontros, Gustavo pede que ela faça pães para ele comer. Célia realiza a vontade do amado e faz os pães, rogando à Nossa Senhora de Palma para que, ao comer, a voz de Gustavo seja recuperada.

Assim sendo, este artigo analisará esta novela de Adonias Filho (2012), com destaque para a relação entre religiosidade e literatura, amalgamando-se com o tema do milagre. Num primeiro momento, será abordada a representação da personagem Gustavo, sujeito que é afetado pela benesse divina, e a relação dele com a família, por conta das justificativas dadas para que ele não fale. Num segundo momento, será analisado o rito que culmina no milagre, fazendo um paralelo com as teorias de **mana** (MAUSS; HUBERT, 2017) e da concepção de milagre (com base na Bíblia e no catolicismo) para compreender a graça alcançada.

2 “EU SOU O PÃO VIVO QUE DESCEU DO CÉU”²: GUSTAVO E A (IM)POSSIBILIDADE DA FALA

Gustavo, o protagonista masculino da novela de Adonias Filho (2012) será analisado nesta seção. É importante realizar este preâmbulo sobre ele porque o milagre que o acomete só ocorre depois que Gustavo come os pães preparados por sua amada, Célia. Logo, compreender a especificidade relacionada ao corpo desta personagem se torna essencial, visto que não se sabe o que causou a sua (im)possibilidade de fala. Diz-se **(im)possibilidade**, com o uso de parênteses no prefixo, pois se faz uma alusão ao personagem não falar no início da narrativa, algo que era enxergado como algo vitalício, mas, por meio do milagre, a fala se torna uma possibilidade.

O teórico Anatol Rosenfeld (2014), no texto **Literatura e personagem**, esboça que uma das especificidades da obra literária de ficção estaria no

² João 6:51

problema epistemológico que abarca a personagem contida nestas narrativas e em outros gêneros. Rosenfeld (2014) traça um caminho para entender como a obra ficcional se estrutura, não valorando os gêneros e nem as obras exemplificadas. O teórico empreende como a obra literária se atrela e se afasta de uma determinada realidade, sendo construída por quem a produz. Assim, Rosenfeld (2014, p. 15) compreende três critérios que são próprios deste tipo de arte e que asseguram que a narrativa está no âmbito do ficcional: os “problemas ontológicos, lógicos e epistemológicos”.

O problema ontológico estaria na organização do texto com suas orações que projetam um objeto e a construção de uma realidade. Neste primeiro problema, o autor abarca o raio de intenção que possui uma influência do extraliterário dentro da narrativa que está pautado num signo do real.

O problema lógico é de cunho intencional, no qual o autor constrói algo pensando numa receptividade do leitor, e essa construção estaria atrelada ao juízo que o receptor cria ao ter contato com a obra, ou seja, dentro da narrativa, existe uma intencionalidade que é arquitetada por quem está escrevendo.

O problema epistemológico retrata acerca da questão da personagem. Na prosa literária, o personagem estaria atrelado dentro da narrativa com o narrador, o que difere dos gêneros poético e dramático, pois estes comungam de outras características. Assim, o narrador um texto em prosa estaria fora do real, mas inserido dentro do contexto fictício, ora narrando os personagens ora se atrelando aos personagens para narrar.

[...] Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma outra das personagens, ou tornando-se consciente etc. [...] A modificação do discurso indica que na ficção [...] não há um narrador real em face de um campo de seres autônomos (ROSENFELD, 2014, p. 26).

Logo, essa relação entre narrador e personagem, inseridos no mundo criado pelo autor, é importante para compreender como Gustavo é introduzido na novela. Ele é um rapaz que não fala, e, no decorrer da narrativa, temos *flashes* do motivo que o levou a estar nesta situação. O narrador é observador, portanto, sabemos o que outras personagens estão fazendo, contudo, não temos acesso às narrativas que estão inseridas em contextos mais profundos, como é o caso

do real motivo para que a mãe de Gustavo tenha sido hospitalizada e/ou se isso tem alguma relação com a perda da fala do rapaz.

Essa particularidade de acessar as personagens pela escolha do narrador é importante para compreender a (im)possibilidade da fala de Gustavo. Afinal, temos um homem que não conheceu a mãe e o único vínculo materno que possui é relacionado aos presentes que a mãe lhe enviava durante a infância: caixinhas de música.

[...] E, como sempre acontecia ao sentir-se emocionado, refugiou-se no quarto para acalmar os nervos. Ali, no quarto amplo e arejado, estavam *caixinhas de músicas que, desde a infância, constituíam o seu mundo* e poderiam marcar os seus dezenove anos de vida (FILHO, 2012, p. 12, grifo nosso).

As caixinhas de música remetem à mãe – da qual não se tem notícias – e à possibilidade de acalanto, de certa forma. Por esse motivo, quando se sente exaltado emocionalmente, Gustavo vai para o quarto, local onde guarda esses objetos que são tudo o que ele tem da mãe. O motivo deste acometimento emocional por parte de Gustavo está no seu encontro com Célia – o primeiro – quando ele se depara com a protagonista cantando.

Doce e macia, ao lado do riso alegre, a voz da moça é música melhor de ouvir-se, nas manhãs de domingo, que o próprio órgão da igreja. Todos dizem, no sobrado inteiro, que é como um trinado de pássaro. Já houve mesmo quem afirmasse:
— Tem som mais bonito que o canto do pássaro. (FILHO, 2012, p. 10-11).

A música o guia de encontro à Célia, acometendo-o com forte emoção. Gustavo pensa que o som das caixinhas de música que ele possui “não é muito diferente a voz da moça” (FILHO, 2012, p. 13). Assim, a partir deste primeiro encontro com trilha sonora, os protagonistas passam a se encontrar de forma rotineira: Gustavo vai até a loja da família de Célia para comprar pãezinhos e a moça sempre o atende.

Certo dia, Gustavo toma coragem e explica para Célia a sua situação:

[...] Acha ridículo escrever, porém, para que a moça leia, que a voz dela lhe faz tanto bem que é mesmo *como um remédio*. Antes de tudo, porém, deve esclarecer que não é surdo. E, apoiando-se no balcão, escreve: “Não sou surdo e, porque ouvi, sei que você se chama Célia.”

A moça lê e, sentindo mais que percebendo, não tem dúvida de que ele ali não fora pelos pãezinhos de queijo. Fora para declarar-se como um namorado (FILHO, 2012, p. 15, grifo nosso).

Gustavo compara a voz de Célia a um remédio e, a partir daí, inicia-se o processo que resultará no milagre – o qual será discutido na próxima seção do artigo. Mas, o relacionamento que começa com a explicação de Gustavo, levanta questionamentos por parte da própria Célia que, em oração à Nossa Senhora da Palma, indaga: “E por que, Senhora Santa da Palma, e por que é mudo? Nasceu assim? Houve um acidente? Doença?” (FILHO, 2012, p. 17).

As possibilidades de respostas aos questionamentos de Célia ocorrem quando o narrador explana acerca da relação de Gustavo com a irmã, Márcia. No início da novela, sabemos que a mãe de Gustavo desaparece depois de cinco anos internada num hospital psiquiátrico, e Márcia é quem traz o diagnóstico médico que o rapaz recebeu ainda na infância. Tudo isso é envolto em uma aura misteriosa, colocando o leitor nesta posição de não entender plenamente o que ocorre com Gustavo – o que se assemelha aos comentários que partem da sociedade sobre a família dele:

[...] E, se falavam da mãe e do mistério que a cercava, da atividade do pai e da expansão da fábrica de pregos, era principalmente dele, Gustavo, que falavam. O mudo e os exames médicos! A conclusiva opinião médica de que jamais recuperaria a voz perdida tão na infância que talvez se relacionasse com os primeiros sintomas da doença da mãe (FILHO, 2012, p. 18).

Assim, não se sabe o que acomete a (im)possibilidade de fala de Gustavo, o que é reiterado quando os laudos médicos são questionados por outros profissionais, os melhores especialistas. Márcia, acredita na religião e na força do milagre, mesmo que o restante da família não creia na possibilidade de cura pela religiosidade:

A irmã era a única pessoa, no mundo, que mantinha certa esperança. Não, jamais perder a fé! E, se os médicos não admitiam a cura, deviam recorrer a tudo, tudo mesmo, do espiritismo aos terreiros de macumba. Quem poderia, afinal, duvidar de um milagre? O essencial, pois, era ter paciência (FILHO, 2012, p. 19).

A construção da personagem Gustavo dentro da narrativa dialoga com a falta de informação sobre o passado e sua relação com a mãe. Portanto, a

escolha do narrador e o modo com a narrativa é construída remete a essa ausência de dados, pois, mesmo com os questionamentos que partem de Célia, Gustavo não é capaz de responder sobre o seu passado. Deste modo, existe sempre uma possibilidade de cura, já que não se sabe como e por que Gustavo não consegue oralizar, dando a entender que a situação dele está no âmbito espiritual, uma vez que nem a medicina explica.

Assim, existe a espera do milagre para que a voz de Gustavo volte e ele tenha o direito à fala, fator que está concomitantemente alinhado ao protagonista e seu modo de perdoar o passado quando encontra o amor – um amor tão forte quanto o amor materno que lhe fora retirado. Logo, na próxima seção, o milagre e como ele ocorre serão os pontos analisados.

3 “ISTO É MEU CORPO DADO EM FAVOR DE VOCÊS”³: O PÃO MILAGROSO

Ao retratar a especificidade da realidade soteropolitana em relação à religiosidade popular e, para além disso, mostrando como classes sociais diferentes lidam com o amor romântico de Célia e Gustavo, Adonias Filho (2012) corrobora com os pontos de tensionamento que a geração moderna propôs – e que permaneceu no decorrer do tempo. Lafetá (2004, p. 66) retrata a geração de 30 do modernismo como o período no qual a crítica social estava atrelada a uma linguagem em constante transformação, pois as narrativas traziam novas vozes e novos jeitos de falar o português, visto que “[...] a incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representa um enriquecimento adicional e completa – pela ampliação dos horizontes de nossa literatura – a revolução pela linguagem”.

Em **A moça dos pãezinhos de queijo**, Adonias Filho (2012) bebe do modernismo e dos temas evocados pela geração de 1930, narrando e construindo uma história cuja religiosidade e modo como o sujeito soteropolitano lida com a fé fazem parte do cenário e do ponto cuja ação do milagre ocorrerá.

Nossa Senhora da Palma está inserida no contexto popular, pois temos dois personagens que tem uma fé, mas não existe um preparo religioso antecedente ao milagre. Essa relação é importante para compreender o vínculo

³ Lucas 22:19.

da santa com a prática religiosa no Brasil. O culto aos santos e à Virgem Maria marca a religiosidade popular no país, como bem ressalta a historiadora Laura de Mello e Souza (2009), pois, no período colonial, construía-se uma igreja para variações da Virgem Maria após a vitória em guerras contra os inimigos dos portugueses. Contudo, a mesma santa que era adorada pela população, também era alvo de profanações:

[...] Num movimento ambíguo – com como ambígua é a cultura popular –, afetivização e detração se aproximavam muitas vezes: o santo que se venera, que se adora, com quem se troca confidências é também aquele que, no contexto da economia religiosa do toma lá dá cá, pode-se atirar num canto, xingar, odiar em rompantes de cólera ou de insatisfação (SOUZA, 2009, p. 157).

Assim, locais como Salvador, onde existe uma igreja para cada dia do ano⁴, retomam as vitórias e as glórias alcançadas durante o período colonial. Por outro lado, a ambiguidade da cultura popular mostra como não é preciso resguardos, jejuns e anos sabáticos para um milagre ser alcançado. Na novela de Adonias Filho (2012), o pedido de Gustavo para que Célia faça os pães – o que acarretará no milagre – ocorre depois que o protagonista tenta oralizar para agradar a amada e, conseqüentemente, a família da moça, que estava questionando a (im)possibilidade de fala do rapaz:

— Não quero que você escreva mais!
A indagação — “E por quê?” — estava no semblante dele e, principalmente, no olhar de criança assustada. Um segundo, menos de um segundo, e novamente exclamou, quase gritando:
— Quero que você fale!
As mãos de Célia no rosto do rapaz receberam, com o leve tremor, o calor que já era febre. E, sem temer que o coração dele, inteiramente descompassado, pudesse saltar do peito, repetiu com enorme energia:
— Quero que você fale!
Lágrimas nos olhos congestionados. E, percebendo que o rapaz chorava, avançou a mão e enxugou-lhe as lágrimas. A mão foi à testa e enxugou também o suor frio. Debruçou-se sobre ele, então, beijando-o muito, dizendo:
— Perdoe, Gustavo, me perdoe. (FILHO, 2012, p. 23)

A partir desta cena, que gera angústia em Gustavo e arrependimento em Célia, temos os preparativos para o milagre. Mas, o que seria o milagre? Para

⁴ Este é um dito popular comumente utilizado em Salvador e que se transformou em metonímia nacional para demonstrar a religiosidade e a quantidade de igrejas existentes na capital baiana.

os sociólogos Marcel Mauss e Henri Hubert (2017), essa ação compreende a existência de uma força que é manejada pelo sujeito e que estaria no âmbito do espiritual. Em uma comunidade do Alaska, essa força é denominada de **mana**, podendo ser manejada em rituais para fazer o bem de modo individual ou coletivo:

[...] o *mana* é uma coisa, uma substância, uma essência manejável, mas também independente. [...] Ele é representado como material: é ouvido, é visto desprende-se das coisas nas quais reside; o *mana* faz ruído nas folhas, evade-se sob a forma de nuvens, sob a forma de chamas (MAUSS; HUBERT, 2017, p. 148).

Essa energia com teor mágico também consegue ser mapeada em outras sociedades nas quais o **mana** se faz presente – com outras nomenclaturas. Portanto, compreende-se que existe uma energia que pode ser manejada por uma coletividade e/ou indivíduos preparados, oriunda de um plano espiritual que não é visível no plano vivente, mas que um está atrelado ao outro.

[...] o *mana* é a força por excelência, a eficácia verdadeira das coisas, que corrobora, sem aniquilar, a ação mecânica delas. [...] o espírito no qual reside toda eficácia e toda vida. [...] ele é, ao mesmo tempo, sobrenatural e natural, já que está espalhado em todo mundo sensível, ao qual é heterogêneo e no entendimento imanente (MAUSS; HUBERT, 2017, p. 150-151).

O **mana** pode ser ministrado por meio de inúmeras funcionalidades. No meio católico, Deus age na vida dos humanos por meio de sua graça e, para isso, o fiel deve pedir – seja por meio de orações, rezas e/ou preces – para uma divindade ou para os santos. Os santos atuam como intercessores, isto é, levando os pedidos a Deus para que a graça seja alcançada. Isso ocorre por causa da vida pregressa dos santos na Terra, onde foram muito fiéis, então, quando morrem, eles se transformam nessa energia mediadora entre o plano terrestre e o plano celestial (SANTA SÉ, 2022).

Assim, a novela de Adonias Filho (2012) exhibe um exemplo deste pedido e da graça sendo alcançada quando Célia faz os pães e canta uma prece. Para além disso, temos o ambiente demonstrando que existe algo acontecendo – chove, indicando que uma limpeza está sendo preparada:

Choveu muito durante a noite, mas, apesar do chuvisco miúdo, o mormaço não se desfez. O próprio vento do mar ficou na praia e tão fraco que foi mais uma brisa com medo do calor. Salvador, pois, suave por todos os lados. Célia, por isso, abriu a janela e, porque viu a chuviscada caindo sem parar, resolveu acender o forno.

[...]

Sentiu o coração alegre enquanto durou o trabalho e foi essa alegria do coração que a fez inventar uma canção que cantou, baixinho, para si mesma. “É preciso querer e querer muito para alcançar.” Repetiu muitas vezes a pensar em Gustavo, que, de tão bom, também merecia ter alegria no coração (FILHO, 2012, p. 25).

A produção dos pãezinhos para Gustavo causa uma transformação em Célia. A mãe da moça a compara a uma borboleta, por não conseguir se aquietar. Mas essa imagem também pode estar atrelada à transformação e à evolução desenvolvida pela personagem no decorrer da novela, culminando nesta mulher que tem fé e pede por um milagre. É perceptível uma mudança em Célia, para uma mulher que tem fé, na citação anterior, quando a canção é cantada e repetida como uma oração.

Outra imagem que representa a transformação de Célia (e que desaguará no milagre) está na roupa escolhida pela personagem para encontrar o amado: um vestido branco, demarcando a pureza da moça; além de que esta é uma cor que remete ao divino, logo, reitera o contato que Célia teve com Deus ao fazer os pães. O narrador informa que ela “parecia uma noiva” (FILHO, 2012, p. 26), o que também servia para denotar o sacramento da moça com Deus e com o seu futuro marido, Gustavo.

Antes de entregar os pãezinhos, Célia roga para Nossa Senhora da Palma, pois sente medo do milagre não acontecer, e, em seguida, oferece o pão para Gustavo, confessando que, durante o preparo, teve vontade de colocar o seu próprio sangue na massa. Observa-se, assim, a existência de uma hierarquia que está sendo evocada pela protagonista. Como dito anteriormente, os santos atuam como intercessores, portanto, Célia roga à Nossa Senhora da Palma para depois retratar o sangue no pão – elementos que remetem à Bíblia e à última ceia.

[...] . Há um novo semblante no rosto de Gustavo e, pela primeira vez, observa que o riso dele não é forçado. Todos aqueles dias e por mais que tentasse aparentar certa serenidade, não, ele não conseguiu! A amargura na face sempre tomada pelo medo. E medo, Senhora da Palma, medo de quê? Sabe que o medo é de que escape qualquer dia por ele ser um mudo e — ela escapando — sentir-se novamente

desesperado e só. Agora, porém, desde que o viu chegar ao pátio e tentar arrancar-lhe da mão a cestinha, ele é um homem diferente. O semblante, no rosto, é realmente novo (FILHO, 2010, p. 27).

Portanto, Jesus aparece de forma implícita, sendo evocado na imagem do pão e do sangue. Estes elementos estão presentes na narrativa de Jesus durante o episódio da Última Ceia, ao oferecer pão e vinho (representação do seu corpo e do seu sangue, respectivamente) para que os seus discípulos dividam entre si, como apontado em Mateus 26:26-28:

Estando eles a comer, Jesus, tomando pão e proferindo a bênção, partiu e, dando aos discípulos, disse: “Tomai e comei, isto é meu corpo”. E, tomando um cálice e dando graças, deu-lhes, dizendo: “Bebi todos deste [cálice], pois isto é meu sangue da aliança. Sangue derramado por muitos para libertação dos erros (BÍBLIA, 2017b, p. 144).

A figura de Jesus retorna, também, por meio do milagre que acomete Gustavo, pois existe uma relação com um milagre realizado na Bíblia. O milagre em questão é quando Jesus, utilizando a sua própria saliva, cura um sujeito surdo-mudo⁵, vide Marcos 9: 32-37:

[...] E trazem-lhe um surdo-mudo e pedem-lhe que imponha a mão sobre ele. E elevando-o em privado para longe da multidão, Jesus meteu os dedos dele nos ouvidos dele, e cuspido, tocou-lhe na língua. E olhando para o céu, suspirou e diz-lhe: “*Ephphatha*”, que quer dizer “abre-te!”. E logo se abriram os ouvidos dele e soltou-se a prisão de sua língua e falava corretamente (BÍBLIA, 2017b, p. 184).

Tal narrativa é recontada, agora, por meio de Célia e Gustavo. O casal está sentado num lugar reservado e distante: “[...] Escuro, pois tão escuro que as grandes árvores parecem sombras fantásticas. Sentam-se no banco de sempre e, logo põe a cestinha ao lado, Célia recebe as mãos dele nas suas. Quentes e trêmulas, aquelas mãos!” (FILHO, 2012, p. 27). Em seguida, existe o contato da saliva, quando, após comer o primeiro pãozinho, Gustavo recebe um beijo de Célia. E, ao fazer isso, ela ordena o seu *Ephphatha!*:

Ele come lentamente, muito lentamente, como se estivesse a comer uma fruta. E, mal termina, ela fecha-lhe a boca com a sua própria boca. Sussurra, então, dizendo:

⁵ Utilizo neste artigo duas edições da Bíblia (2017a; 2017b), e ambas utilizam essa nomenclatura. Atualmente, com os estudos sobre a comunidade surda, compreende-se que Libras é uma língua, portanto, é politicamente correto utilizar o termo “surdo”.

— *Você, agora pode falar.* — E, como se ordenasse, acrescente: — Não, não fale agora! (FILHO, 2012, p. 27, grifo nosso)

Assim, a voz de Gustavo nasce – utilizando a comparação do surgimento da voz com a de um parto –, sendo **amor** a sua primeira palavra. A escolha desta palavra remete ao sentimento de ligação entre ele e Célia, já que a moça é a força motriz da transformação:

Tudo o que ela disse, muito baixinho, um sussurro, Gustavo ouve e sente que o amor e o beijo de Célia podem gerar o milagre. O cheiro dos pãezinhos de Célia podem gerar o milagre. O cheiro dos pãezinhos de queijo, no ar, perfuma a própria resina das árvores. As bocas se afastam, as mãos mais se apertam, as lágrimas nos olhos que parecem sangrar. Tudo, agora, é nele angústia e dor. Os lábios tremem, suor no rosto, vontade de gritar. Um parto, é como num parto, a voz está nascendo. E ele, a rir e a chorar ao mesmo tempo, exclama, em tom ainda fraco, mas exclama:
— Amor! (FILHO, 2012, p. 28)

E, ao mesmo tempo, o amor e a devoção pela espiritualidade também estão inseridos neste contexto, afinal, existem os símbolos voltados para Jesus e as súplicas à Nossa Senhora da Palma. Amor e milagre são forças potentes e de transformação, como aponta o Salmos 136:4: “Ao único que faz grandes maravilhas, o seu amor dura para sempre!” (BÍBLIA, 2017a, p. 545).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a temática da religiosidade e suas expressões, o milagre é um ponto comum na vida do sujeito em sociedade, sempre surgem narrativas de casos envolvendo o tema. No Nordeste brasileiro, onde existe uma forte influência do catolicismo popular, tais narrativas saem do âmbito do real e repercutem também na literatura.

Adonias Filho (1915-1990) foi um escritor baiano que trouxe em suas narrativas diálogos com a Bíblia e com essa vertente da religião cristã. Além disso, também pode ser observado em suas obras uma dinâmica e influência da geração moderna de 30, que estava em alta no estado da Bahia quando o autor começa a escrever. O autor trouxe para o âmbito literário especificidades da cultura e da sociedade em que estava inserido; o livro de novelas **O Largo da Palma** (2012) é um bom exemplo disso, pois esses tópicos, tão caros ao autor,

estão fortemente presentes nas novelas contidas neste livro, as quais mostram uma Salvador com diversos arranjos e expressões.

Assim, o milagre e o catolicismo se fazem presentes na primeira novela do livro: “A moça dos pãezinhos de queijo”. O amor entre Gustavo, um rapaz que não fala, e Célia, uma moça que anseia fortemente para que o amado se comunique para além do papeis e da escrita, rompe barreiras, ocasionando em um ato milagroso, no qual, ao comer os pães feitos por ela, o rapaz recobra a fala.

Neste artigo, abordei a questão do milagre. Ainda na introdução, explanei sobre o modernismo e suas influências, informando como o movimento chega de forma tardia na Bahia. Em seguida, discorri sobre as especificidades que envolvem o protagonista Gustavo e a sua representação na obra, pois é importante conhecer e analisar a personagem para saber como o milagre sucederá no decorrer da narrativa. E, por fim, analisei o milagre e como ele ocorre. Assim, compreende-se que, na literatura, habita a possibilidade de diálogo com outras áreas, as quais servem de insumo para leituras diversas e para a construção de arcabouços teóricos que incrementam a fortuna crítica do autor, o que demonstra a riqueza da literatura com outros campos de conhecimento.

I AM THE BREAD OF LIFE: ADONIAS FILHO AND THE MIRACULOUS BREAD

Adonias Filho (1915–1990), writer from Bahia and immortal of the Academia Brasileira de Letras (ABL), has among his productions several poems, novels and essays. **Largo da Palma** (2012) is a book that brings together six novellas set in the square of the same name, located in the city of Salvador. “A moça dos pãezinhos de queijo” is the narrative analyzed in this article, which tells the love relationship between Célia, daughter of a cheese bread producer, and Gustavo, a boy who listens but cannot speak. In an act of desperation, understanding that her loved one’s situation can be reversed, Célia decides to make cheese bread praying to Nossa Senhora da Palma, asking for Gustavo’s cure. So, when he eats the bread, the miracle takes place and the boy is able to speak. Thus, an analysis

will be realized facing the concept of religious healing that happens in the novella, understanding the action performed as a miracle and its relations with the Bible.

Keywords: Literature of Bahia. Brazilian Literature. Literature and Religion. Religiosity.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Juciara Maria Nogueira. Descompasso: como e porque o modernismo tardou a chegar na Bahia. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais [...]** Salvador: [s.n.], 2009. p. 1-16. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19289.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BÍBLIA. **Sua Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2017a.

BÍBLIA. **Volume I - Novo Testamento**: os quatro Evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

FILHO, Adonis. A moça dos pãezinhos de queijo. In: **O Largo da Palma**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 7-28.

LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o modernismo em 30. In: **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2004. p. 55-72.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 49-187.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 9-50.

SANTA SÉ. **Catecismo da Igreja Católica**. Brasília: Edições CNBB, 2022.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.